

## «POBRE O QUE QUER É COMER»\*

### ou os estereótipos de linguagem em *Vagão J* e Vergílio Ferreira

OLÍVIA FIGUEIREDO

oliviaf@letras.up.pt

«Porque a gente baixa não conhece palavras ternas e doces. Não conhece. E fala sempre em termos duros, como se andasse enraivecida com o mundo inteiro.»

*Vagão J*, p. 29

Que outra forma de homenagear a Professora Fernanda Irene senão partilhar o mesmo amor pela obra de Vergílio Ferreira?

«Pobre o que quer é comer», frase que serve de título a este estudo, apresenta-se como a chave-mestra de *Vagão J*. Uma espécie de expressão lexicalizada que toma nesta obra um valor particular e original. Porque de um conflito de classes sociais se trata, a particularidade e a originalidade da narrativa assentam não tanto na dimensão ideológica e filosófica dos valores em questão, já que o desfecho da obra muito cedo se vai perfilando em concordância com o que é expectável socialmente, mas no modo como é actualizada a língua nos discursos das várias personagens. Com destaque para os Borrachos, para o tio Gorra, até para Calhau e Chinola. Nem o discurso do próprio narrador escapa à singularidade deste mundo ficcional onde a intencionalidade primeira é, não só fazer ouvir as vozes originais e únicas das personagens, mas também fazer ouvir os seus pontos de vista. Na linguagem, por vezes, o céu é muito perto do inferno. E neste romance cada personagem é o que diz. O que faz com as palavras.

---

\* Vergílio Ferreira, *Vagão J*, Coimbra, Coimbra Editora, 1946 (1.ª ed.), p. 35.

As falas das personagens são inseparáveis da sua visão das coisas, da sua visão do mundo, da sua visão dos outros.

É manifesto neste romance que um dos pontos fortes do vai e vem entre língua e discurso radica no uso de locuções e expressões lexicalizadas, sobretudo, na sua forma estereotípica. Descrevendo-se os estereótipos como convenções sociais, e fundando-se a estereotipia em representações sociolinguísticas ideais, não podia ter encontrado o A. melhor forma de evidenciar histórias sem história que não fosse por meio da relevação de pré-construídos na língua e da sua actualização nos discursos dos actores envolvidos nesta saga milenar de lei da selva.

190

Vemos assim que tais expressões, sempre constrangidas nas suas realizações sintácticas e semânticas, formam partes do discurso e podem tomar várias formas: nomes em formato de composição (“voz activa”, p. 24), determinação genérica do nome (“fazer uma cena de lágrimas”, p. 38), locuções verbais (“levar a água ao rego”, p. 187), adjectivais (“de mansinho”, p. 89), adverbiais (“ou coisa que o valha”, p. 108), locuções conjuntivas ou prepositivas (“de formas que”, “até à raiz dos cabelos”, pp. 134, 178).

O romance abre-se num sinfonia de vozes do “poviléu” («Eh pá»; «Olha a boa da melancia») que se agita ao som de «Música rija de pratos e bombo» (p. 9). Dia de festa que se prolonga até às tantas («As tascas atulhadas de bêbados gorgolejando, galfarrando, varajares nodosos [...]», p. 13) e onde não podiam faltar Manuel Borrvalho («Manuel Borrvalho pertencia aos Borrvalhos, à família dos Borrvalhos, que eram ladrões, ladrõzitos reles [...]», p. 13), Chinola («[...] que é homem de muita piada, contava histórias engraçadíssimas a propósito da fome dos Borrvalhos», p. 10), o Bogas («[...] veio de Lisboa, falando à rufia [...]», p. 15, e que «[...] lá andava amarrado à rapariga sorrindo pelo canto da boca», p. 17), o Sr. João, amigo do Bogas («dono de largas terras», p. 18; «[...] o Sr. João era a pessoa mais importante da terra. Por isso ele era odiado por todos», p. 23).

Com estas personagens, estão criadas as condições para ajustes de contas («[...] Manuel esfaqueara o rufia do Bogas que andava pràli todo cheio de nove horas», p. 26) e está criado o ambiente de refrega que há-de pautar todo o romance.

Num meio como este tão fortemente coarctado por determinações sociais, familiares e mesmo ideológicas, o discurso de cada enunciador só pode trazer as marcas enunciativas ilocutórias de actos de fala assertivos-avaliativos e comissivos que correspondem ao seu estatuto.

Vejamos, então, como se vão retomando, em ecos intertextuais, as falas de algumas das personagens e verifique-se como a convencional-

dade do estereótipo está associada a um conceito de acordo com o cultural e social de cada uma.

Destaque-se este curto diálogo de Joaquina Borralho com o seu filho Manuel Borralho:

«– Anda que *a arranjaste fresca!* Então disse que bateste no Bogas!  
– Cale-se prài e não me *faça perder o juízo!* Eu bati lá no Bogas ou *no raio!*

A mãe ergueu os punhos ameaçadores:

– Eu até te *esborrachava o focinho!* Olha, assim, assim (e dava murros em si própria, num desaforo). Que tinha você que se *meter em sarilhos? Seu coisa reles.*

– Ou você *acaba com essa música,* ou eu *perco-me da cabeça e vai tudo raso.*

– Isso! Isso! Anda bate-me também a mim. Bate-me! Olha que eu *não sou o Bogas!* Eu *migo-te como o caldo na panela.* Meu ordinário. Você não sabe que agora *vai malhar co’o lombo na cadeia?»* (p. 24).

Os estereótipos “a arranjaste fresca”, “não me faça perder o juízo”, “no raio”, “te esborrachava o focinho”, “se meter em sarilhos”, “seu coisa reles”, “acabar com essa música”, “perco-me da cabeça”, “vai tudo raso”, “eu não sou o Bogas”, “migo-te como o caldo na panela”, “malhar co’o lombo na cadeia” estão fundados no reconhecimento de uma norma dita familiar, social e cultural. Embora não esteja assegurado que a expressão estereotípica parte das crenças dos seus utilizadores (não é certo que Joaquina Borralho e mesmo o seu filho tenham uma representação associada à palavra “fresca” na expressão “arranjaste-a fresca” ou à palavra “raso” na expressão “vai tudo raso”), o que é certo é que para o locutor médio as competências adquiridas na linguagem corrente são suficientes para obter uma representação comum e assegurar um bom uso na comunicação. Isso mesmo acontece com várias expressões como, por exemplo, “migo-te como caldo na panela”, que é um estereótipo ligado ao mundo vivenciado dos seus utilizadores e que sempre poderão evoluir à medida que evoluem as suas crenças.

Já no diálogo seguinte entre Joaquina Borralho e sua filha Maria («sopeira nova» (p. 123) de D. Estefânia, mãe de Eduardinho) é evidente a relação estabelecida entre estereótipo e crença:

«– Agora já sei que não me larga.

– Queixa-te à mãe. Ela é toda beata. Anda, vê ali as beatices. Isto é tudo assim.

Pensou um pouco e depois descarregou com ira:  
– Se ele te tornar a atentar, deita-lhe uma panela de água a ferver. [...] *Pobre é saco de roupa suja, caixote de lixo* para onde todos despejam. Mas a gente não pode mudar o mundo, isto foi sempre assim, estar agora a gente a pensar em coisas, *pobre é caixote de lixo*. Se não for deste, Maria será de outro [...]. E depois o António tem de ir para padre, e a D. Estefânia é que lhe paga os estudos. *Pobre é caixote de lixo, a ti Ana sabia-o.*» (pp. 155, 156).

192

A expressão «Pobre é caixote de lixo» mais do que a identificação com o objecto designado (pobre, caixote, lixo) designa antes o conceito ou a imagem mental da subcategoria representada (Kleiber, 1990: p. 62) num universo de crença de que não vale a pena sequer lutar porque «a gente não pode mudar o mundo» (p. 155).

A isotopia da pobreza amplifica-se a cada página num ressurgimento rítmico de retomadas de expressões prototípicas. Porque no fim de contas «A questão é ter fome» (p. 35) e «quem é pobre não pode saborear essas coisas do sentimento» (p. 33) e, além disso, «Homem pobre não chora» (p. 39). Numa vida de miséria e «roídos pela fome» (p. 91) cada um vai «roendo uma côdea de pão» (p. 76) porque é preciso deitar «mãos à vida» (p. 76).

«Triste vida, que a gente não ganha para comer», queixa-se mesmo o professor, um homem que também se lamenta da vida: «Os pobres, eu e o Borrvalho, o Borrvalho e eu, o resto, a esterqueira [...]» (p. 119).

No entanto, a irrupção da violência não se confina ao universo da fome e da penúria. A socialidade alarga-se a desequilíbrios inquietantes numa má conjugação dos eixos do mundo. Uma tensão suplementar se cruza no horizonte de uma atmosfera sinistra onde ponderam velhos, doentes, moçoilas desonradas, matreiros, num encadeamento indefinido de círculos infernais e onde triunfam os instintos de sobrevivência mais arcaicos.

Chico Borrvalho, para o seu filho Manuel e para o seu cunhado Gorras, «era um trambolho, *o homem é o lobo do homem*, as coisas são mesmo assim, e Chico Borrvalho tinha de morrer» (p. 134). E morreu porque os desígnios dos homens são por vezes mais imperativos que os desígnios divinos. É levado pela sua consciência a atirar-se para debaixo de uma camioneta «e o seu corpo voou para debaixo da camioneta, a dupla roda de trás *esborrachou-lhe o crânio como a um melão [...]*» (p. 143).

Também a ti Ana, mãe de Maria do Termo «foi-se chegando para a cova que eram horas» (p. 158). Não resistiu ao desgosto de a filha ter ido

para Lisboa: «Mas ele veio de lá buscá-la, falou-lhe de Lisboa, *embebedou-a* e ela partiu» (p. 156). Agora «os homens olhavam-lhe para o ventre que a esmagava de vergonha [...]. Queria agora cantar [...] não há estrelas no céu, pelo silêncio fechado não corre um grito de luz [...]» (pp. 164, 165). E Manuel Borrvalho entra em cena: não perdoaria ao homem que fizera do corpo de Maria «um corpo de mulher» (p. 147). Era ele o Soeiro. E um dia «*Rebentaram nele os urros de fera* que vivia bem no centro dos seus nervos [...]. E a navalha de ponta estalou e *rasgou veios no rosto* largo do outro, até que o sangue escorreu todo» (p. 190). «Vida ou morte, o trabalho de forçados lá na aldeia ou o desterro de África eram coisas tão parecidas, porque não matar?» (p. 191).

Esta tensão conflitual é retomada a cada momento numa agressividade selvagem de agitação quase desesperada. Os pré-construídos e os pré-requisitos sociais, por um lado, regulam e regulamentam a constelação social; por outro, a língua encadeia-se em discursos e torna possível a integração dos indivíduos no seu grupo, permitindo-lhes modos de actuar segundo os esquemas de pensamento que lhe são próprios.

Em destaque nesta obra está a constelação familiar dos Borrvalhos.

De Chico Borrvalho já se sabe: para Manuel «o pai era um trambolho» (p. 133); para o tio Gorra, o Chico «só stá a atrasar a vida» (p. 135). «Aquilo stá prâli ao deus-dará» (p. 136) e não lhe restou outra saída senão morrer de uma vez. Afinal ele estava entrevado e «a morrer aos bocados» (p. 139).

De Joaquina Borrvalho também se sabe que ficou agora viúva com uma caterva de filhos: «[...] cada ano deitava um para a rua, atascando-o logo de esterco do chão, pregando-lhe logo carbúnculos das moscas imundas que habitavam no monturo em frente onde toda a vizinhança ia fazer despejos» (p. 68); «[...] ela já deitava os filhos a este mundo quase sem dar por isso, mas enfim, sempre era um castigo» (p. 108).

Do Manuel Borrvalho sabemos que é homem duro e que se rege pela lei do mais forte: «Pobre é coisa reles e não procura enfeitar nada. Por um bocado de pão mata qualquer homem, nem que seja o pai. A questão é ter fome» (p. 35).

Do Joaquim Borrvalho sabe-se que finalmente «conseguiu empregar-se na fábrica» por «duas moedas, uma de dez e outra de cinco, quinze mil réis!» (p. 161).

Agora a Maria. Maria vai servir para casa de D. Estefânia:

«— Sr.<sup>a</sup> Estefânia, agora a senhora precisa de uma criada e a minha Maria dava-lhe jeito.

[...]

A Sr.<sup>a</sup> Estefânia esmiuçou escrupulosamente o problema. Maria era dos Borrinhos ladrõeszitos, e não ia à missa nem se confessava, mas talvez até reconduzisse aquela *ovelha perdida* ao *rebanho do Senhor*, deixá-la vir.» (p. 108).

Até um dia. Porque quando «Antônio partiu para o Seminário, Maria percebeu que a sua missão estava cumprida [...]. Ela desejava a liberdade antiga [...]» (p. 201).

194

Maria sai de casa da patroa e, como Maria do Termo, ia ser mãe: «Que importava o casamento? Luxo de fidalgos» (p. 204). Para Joaquina e o tio Gorra isso era natural porque “mulher era para ter filhos”:

«Todas as leis que regulavam as relações do homem e mulher eram ainda um meio de distinção de classes. Por isso não havia censura para Maria exactamente pela mesma razão por que ninguém lhe deitava à cara o andar descalça e suja.» (p. 204).

E falta o tio Gorra para completar esta galeria de retratos de uma família escravizada pela fome e impulsionada pelos instintos vitais da sobrevivência a qualquer preço:

«Gorra não fora registado quando nasceu, vivia como besta, porém diante da família era bom. [...]. Vida de cigano *sem eira nem beira*. [...]. E Antônio Borrinho “até na inteligência não tinha mais a quem saísse”.» (p. 212).

E é este tio Gorra que vai ter a sua influência na saída de Tonho do Seminário. Numa altura em que Antônio vem a férias o tio indagou:

«– Atão, mas tu queres mesmo ir para Padre? Nem podes ter uma mulher...

– Cala-te prài, meu burro! [...] Joaquina descarregou.» (p. 221).

Dos maus modos ao insulto vai só um passo. O insulto pontua todo o texto e abre portas a práticas discursivas menos nobres. As interpelações depreciativas têm por função reagir a uma transgressão por outra transgressão verbal compensatória. Os insultos visam o destinatário por tudo o que foi e esteve, de perto ou de longe, na origem biológica do seu enquadramento.

Isso acontece:

- quando na “venda do Capacho” um freguês diz «mexe-te, dá cá o saca-rolhas depressa, meu lesma» (p. 11);
- quando Manuel Borrvalho se dirige à mãe por esta o ter ido defender junto do regedor Gabriel: «Mas que tinha você aqui que cheirar? Girou» (p. 47) ou quando lhe grita «– Cale lá a buzina [...]» (p. 28), ou quando Joaquina o vai visitar à prisão e fala com voz apaziguada junto do regedor:

«– Ah! Mê rico filho!

– Mau! Se você vem práí botar lágrima, é melhor ir-se já embora.

Irritava-o o carinho da mãe, porque o obrigava a ele a sofrer mais e mostrava ao Regedor fraqueza no aguentar o peso da má sorte. Gostava era da mãe dura, ralhando com os filhos, lutando com força pela vida. Tudo o mais era luxo. Chorar pra quê? Não adiantava nada. Só moía mais a gente por dentro. Homem pobre não chora.» (p. 39);

- quando Barreiro «que tinha ideias lírico-democráticas» (p. 100) interrompe o Joãozinho e vocifera:

«– Isso é que é uma mula. Isso?... Isso é um patifão!» (p. 101);

- quando Gorra rezinga com a sobrinha Maria porque ela falava com um certo tom de Eduardinho:

«– Ai o rai'da rapariga que já me anda doida. Querem lá ver...

Fica sabendo, se me arranjas alguma desgraça eu racho-te de meio a meio. Rua que é sala de cães. Ora o estepor [...]» (p. 159);

- quando Joaquina Borrvalho conta que, quando nova, enganou o Zé Barbeiro:

«Comi-lhe o que lhe pude e depois mandei-o à outra banda. Vá lá prá mãe que o deu [...]» (p. 185);

- quando D. Estefânia “descarregou um sermão” sobre Maria porque levou o Eduardinho a roubar-lhe “um dinheirito”:

«– Tu andaste-me a comer por lorpa, minha reles» (p. 188).

Dos insultos às ameaças e às injúrias vai um outro passo.

Manuel Borrvalho ameaça Bogas e tem a intenção de «cravar-lhe a navalha no bandulho» (p. 16).

Joaquina quando os filhos lhe pediam pão sussurrava:

«– Se me dizes que tens fome, racho-te de meio a meio» (p. 52).

Ou ainda quando Manuel Borrvalho “carregado de ódio” dispara ameaças em catadupa sobre o homem que lhe alugou a leira, caso não cumprisse o apalavrado e caso lhe subisse a renda:

196

«[...] eu matava-o, eu escarrava-lhe em cima, tirava-lhe as tripas com uma navalha, esborrachava-lhe a cabeça, extirpava-lhe os olhos, retalhava-o às rodelas, eu seja cão, oxalá me metam o focinho num monte de trampa *se eu o não trabalhasse*. Largou: – matava-o [...] eu matava-o. Tão certo como eu ser Manel [...]» (pp. 171, 172).

As juras, como é visível nesta passagem, também pontuam outras partes do texto: «[...] mas morra um homem e fique fama» (p. 173), jura ainda Manuel Borrvalho pelas mesmas razões aludidas.

Esta tensão conflitual configurada nestes exemplos de actos ilocutórios mostra que, se a linguagem conforma a nossa percepção do mundo, também a linguagem determina a nossa resolução do mundo: «e as coisas às vezes resolvem-se com ralhos “você é um ladrão reles”, “você é um canalha”, “seu patife”, eh!» (p. 207).

Por esta via, perde-se em acção, mas ganha-se em carácter. Cada personagem se caracteriza pelo seu modo de pensar e agir pela fala, mais que pelas suas acções. A força de carácter de cada personagem manifesta-se substancialmente por meio destas velhas rotinas linguísticas que nascem na e da vida social e que nela e dela se perpetuam. Deste ponto de vista, cada personagem age de acordo com a imutabilidade dos traços que lhe estão determinados, que lhe pertencem e que advêm do seu grupo social, ao mesmo tempo que cria e consolida os traços que lhe pertencerão e que resultam do seu carácter mutável. E é neste paradoxo aparente entre o imutável e o mutável que nasce a vida social e que a sociedade manifesta a sua actividade.

Assim, por meio da linguagem se destaca e se encena o espectáculo dos dramas e das afrontas sociais. As relações estreitas entre o social e o discursivo manifestam à evidência que se o sócio-cultural visa fazer-se discurso, também o discurso se legitima do social.

Nesta obra, cada instância emissora fideliza o seu grupo social prototípico e arquetipiza, por meio de estereótipos linguísticos, o estatuto social de um imaginário colectivo identitário. E dentro deste colectivo,



cada personagem é determinada pelo seu “capital verbal” o que a legitima para a importância dentro da obra. Pelos perfis interacionais e comunicativos, duas figuras, reveladoras de um certo comportamento discursivo, sobressaem nesta narrativa: Joaquina Borrvalho e o seu filho Manuel Borrvalho. São elas, mais o filho que a mãe, que, embora pouco conversem, muito questionam, muito advertem, muito ordenam, muito insultam, muito ameaçam, muito injuriam, muito juram. Tudo porque o referencial estruturante as coloca no seio de um grupo familiar e social onde cada um veste a pele de vítima explorada, ferida na sua honra, pobre que por «um bocado de pão mata qualquer homem, nem que seja o pai. A questão é ter fome» (p. 35).

Obra emblemática do humanismo vergiliano, *Vagão J* é o testemunho de uma geometria social onde os mais pobres ocupam a base da pirâmide. Dá-se destaque à família dos Borrvalhos «ladrõezitos reles, desordeiros, raça acanhada de esterco» (p. 14) para a dimensionar nos seus traços sociais específicos.

Num primeiro traço subentende-se um quadro social onde a mulher está numa situação de escolha passiva, de exploração sexual: «senhores da terra [...] tiveram filhos das Borrvalhos de outros tempos» (p. 14); também Maria do Termo foi para Lisboa com o Dr. Soeiro e voltou com um filho no ventre: «A sua história estava feita, viria o quarto, o quinto, quantos mais?» (p. 203); o mesmo acontece com Maria Chico Borrvalho:

«Maria sabia que ia ser mãe. Talvez casasse, talvez não, que importava o casamento? [...] mulher é para ter filhos. Todas as leis que regulavam as relações do homem e mulher eram ainda um meio de distinção de classes.» (p. 204).

O segundo traço radica na exploração da força de trabalho.

As raparigas destinavam-se a criadas de servir. Aconteceu com Maria do Termo, como já tinha acontecido com a sua mãe, a Ti Ana; aconteceu com a Maria Borrvalho:

«Joaquina Borrvalho veio pensando desde a Vila que a Maria devia ir servir. Em casa não era precisa, porque os pequenos lá se iriam criando e se fosse servir sempre comia de graça.» (p. 51).

Os homens e os rapazes destinavam-se às obras, às pedreiras («Chico Borrvalho contava dezenas de vezes o desastre da pedreira que o chumbara à tarimba para toda a vida», p. 30), ao campo (Manuel cultivaria a leira

do Sr. Joãozinho que o Zé Corisco já não quer: «Tu pagas menos medidas durante quatro anos e depois pagas como os outros», p. 134; «[...] trago uma sorte de renda, tem pedregulho, sim, e tem areia, mas um dia ficará coberta de verdura, dará batatas, milho, feijão, sou um homem como os outros, tenho uma sorte», p. 147) e às fabricas («[...] Joaquim conseguiu empregar-se na fábrica. E que alegria quando ele trouxe no sábado duas moedas [...]», p. 161). Só a Tonho Borrvalho lhe esperavam outras vidas. Queria ir para a escola:

198

---

«– Deixe-me ir prà escola.

– Se me tornas a falar na escola, dou-te um murro que te arrebento.

[...] Manuel Borrvalho olhou o irmão e pensou que a mãe era estúpida que o saber ler era uma boa coisa. A gente nasce com a enxada nas unhas e nunca pode levantar a cabeça, que um homem sem instrução é pràqui um carneiro.» (p. 78).

António foi para o Seminário, mas ficou por ali. Como o leitor fica a saber pela leitura de *Manhã Submersa*.

Um outro traço específico, embora de passagem fugaz mas expressiva nesta obra, é a arteirice dos instintos vitais, resultado da luta pela sobrevivência. As manhas da ladinice pícara aparecem bem marcadas na atitude de Joaquina, que enleia a sua filha Maria para enganar o filho da D. Estefânia:

«– E atão lá o menino? Nunca mais te atentou?

[...]

– Tu podias era fazer uma coisa, eh! eh! Tu davas-lhe a entender que sim e coisa, que talvez lhe fizesses a vontade e ias-lhe apanhando o que pudesses. Fosse eu... Vós nem sei pra que tendes a cabeça. Olha, uma vez ainda eu não falava prò teu pai, veio ter comigo o Borrego velho [...]. Aquilo era Jaquina pràqui, Jaquina pràli, se tu quisesses e coisa [...].

Fiz de conta que sim, que queria e eu queria era apanhar-lhe da boa batata e feijão [...]. Um dia, já era ao escurecer, quis-se fazer atrevido, julgava que já podia e ia deitar-me a mão. Ora! Dei-lhe um safanão que o deitei prà valeta [...]. Comi-lhe o que pude e depois mandei-o à outra banda [...].

Pois tu podias fazer o mesmo.» (pp. 184, 185).

Ainda nesta linha de uma faceta patética dos instintos, que sempre reflecte o que há de esperto e fecundo na carne, conta Chinola:

«[...] que o Borrvalho pai prometia dois tostões aos garotos, se eles não quisessem jantar. Então os garotos pensavam logo nos rebuçados que iriam comprar à loja com dois tostões. Mas no dia seguinte Borrvalho pai dizia:

– Se hoje queres jantar, tendes de dar dois tostões. E os garotos nem jantavam nem chupavam rebuçados [...].» (pp. 52, 53).

199

---

A reflectir em toda esta engrenagem social está o professor da aldeia que tem uma carga de filhos que passam mal: «trabalho como um galego, para o raio que os parta aos meninos inteligentes que fazem discursos, escrevem charadas» (p. 206). A aldeia, o país, o mundo inteiro encaixava-se num triângulo de cujo «vértice mais alto partiam duas linhas que se iam apartando até ao fundo. Os da base ficavam na taberna que era a sua sede e aguentavam o peso dos de cima. Os do vértice superior eram poucos mas os de baixo defendiam-nos porque tinham o interesse próprio a defender [...]. Quando um elo se quebrava logo os outros aderiam, o enxurro é que se amolava, porque só ele não tinha que esmagar. [...] Havia os indiferentes [...] os intelectuais que se masturbavam com conceitos refinados [...] que desprezavam soberanamente a base de todas as construções: – o pão» (pp. 169, 170).

Este traço social é o traço específico que engloba todos os outros. Pelo pão se vende o corpo, pelo pão se vendem os braços; pelo pão se artimanha; pelo pão se imigra numa carruagem de bestas, no *Vagão Jota* para a capital, última esperança de quem quer fugir à fome. No fim de contas, como se diz para o fim do romance, «Tudo estava integralmente previsto.» (p. 232).

A dimensão verbal estereotípica em uso pelas personagens e a linguagem como instituição colectiva de um povo de uma aldeia constituem, neste romance, a base sobre a qual se edifica todo o complexo entrelaçado e entrançado de relações entre as personagens e entre estas e os objectos constitutivos que povoam o seu mundo. Neste sentido, a língua não é só uma ferramenta em construção de um pensamento colectivo, é também o elemento determinante que configura esse pensamento até ao ponto de se identificar com ele. Nomear as coisas e dizê-las é a forma de integrá-las no universo e nos interesses humanos, pelo viés de um sistema verbal que as põe em relação com os sentimentos e as ideias.

O jogo da linguagem não é nesta obra um jogo inocente. Acentua a escolha de um protocolo de leitura claramente determinada que suscita ainda no leitor de hoje uma posição fortemente afectiva e apelativa que o mantém num estado de receptividade óptima para o seu investimento prospectivo e para o livre jogo do simbólico. Simbologia que se inscreve no cadastro histórico de um povo que se encontra no limite da socialidade, confinada esta a um universo geográfico rural e onde a violência da opressão da fome encurrala os “heróis” nas suas representações de terrenos de luta e de confrontos sociais e familiares directos. Todo o texto «réfère» e todo o texte «réfère d’une certaine manière» (Catherine Kerbrat-Orecchioni, 1980: p. 28). E uma maneira de *Vagão J’* referir e até referenciar o ideológico no simbólico, e a partir daí dar a possibilidade de organizar a experiência, é jogar o jogo global de “falas” singulares por meio de “linguagens estereotípicas”. E é assim que as fraseologias e os lugares-comuns permitem o desencadeamento de dois cenários: o estabelecimento das relações entre instâncias enunciativas e a autenticidade que o texto de ficção representa; a convicção de que interpretar um texto é «apprécier de quel pluriel il est fait» (Roland Barthes, 1970: p. 11).

Desprende-se do próprio dinamismo de tais expressões factos singulares e plurais de índole psicológica e sociolinguística, que atravessam todos os campos semânticos e que vão desde paradigmas topicalizados como, por exemplo, “roer” ou “moer”:

- «Os homens vinham *roídos* de trabalho» (p. 63);
- «Sentiam no lombo os músculos *roídos* de trabalho» (p. 65);
- «Mas a pedra branca *roía, roía*» (p. 68);
- «[...] viam lagartas enormes *roendo-lhes* os dedos dos pés» (p. 67);
- «[...] e *ia roendo* uma côdea de pão» (p. 76);
- «[...] aquilo ainda custa a *roer*» (p. 83);
- «[...] e *roi-se* a ponta de um chavelho» (p. 125);
- «[...] trouxe o ódio que o *roía*» (p. 212);
- «[...] batatais *roídos*» (p. 227);
  
- «[...] a *moer* os outros» (p. 19);
- «[...] só *moía* mais a gente por dentro» (p. 21);
- «[...] *moía-lhe* o juízo» (p. 98);
- «[...] tinhas as costas *moídas*» (p. 122);
- «[...] ele *moera-se* de sol a sol» (p. 132);

até aos idiomatismos e fraseologias de diferentes índoles, de que se apresentam apenas alguns exemplos. A ordem é aquela que aparece no texto:

“molhar a goela”; “rir-se à boca larga”; “não dever nem temer”; “armar em esperto”; “malhar no lombo”; “passar uma onda pela cabeça”; “sem eira nem beira”; “nem é tarde nem é cedo”; “armar-se em lorde”; “estar em brasa”; “palavras leva-as o vento”; “não estar para mais razões”; “vai não vai”; “sem mais nem ontem”; “feito lorde”; “dar água pelas barbas”; “sem mais nem menos”; “andar picado”; “armar à lorde”; “ser todo de alguém”; “arranjá-la fresca”; “perder o juízo”; “acabar com a música”; “perder-se da cabeça”; “ir tudo raso”; “malhar com o lombo na cadeia”; “rachar de meio a meio”; “ter voz activa”; “todo cheio de nove horas”; “fazer a vida”; “perder a paciência”; “fazer-se de novas”; “já não estar em si”; “ser um bom-serás”; “calar a buzina”; “não se meter onde não se é chamado”; “ir aos arames”; “não ter eira nem beira”; “deixar-se comer”; “explicar por miúdos”; “fazer batota”; “fazer cera”; “aliviar do fadário”; “que Deus o leve”; “fazer das suas”; “tocar com um dedo”; “e ele porque torna e porque deixa”; “jurar falso”; “roer a ponta de um chavelho”; “há males que vêm por bem”; “fazer uma cena de lágrimas”; “por alminha de quem lá tem”; “não dar parte”; “botar lágrima”; “ter o sangue na guelra”; “pró que diabo lhe havia de dar”; “tirar do pêlo”; “verter águas”; “sem mais nem pra quê”; “contar por miúdos”; “armar-se em ditador”; “armar-se em juiz”; “dar parte dele”; “vergar a espinha”; “não ter que cheirar”; “molhar a palavra”; “apanhar a mostarda”; “ser fino”; “dar palmadinhas nas costas”; “saber levar”; “comer de graça”; “rachar de meio a meio”; “explicar por miúdos”; “não haver modos”; “ser uma despesa e tantos”; “ter um rebanho de filhos”; “fazer figura de urso com o rabo de fora”; “deixar ao deus-dará”; “estar um calor de rachar”; “ir aos arames”; “sem emenda”; “apanhar uma sova”; “trazer água no bico”; “vir com cantigas”; “levar o caso a bem”; “perder a paciência”; “sentir no lombo”; “ter uma ninhada de filhos”; “pregar olho”; “rachar os cornos”; “pensar na porca da vida”; “dar volta ao miolo”; “não ser para os seus dentes”; “roer uma côdea de pão”; “deitar mãos à vida”; “levantar a cabeça”; “por aquele andar”; “contar o caso por miúdos”; “saltar dos olhos”; “haver de pagar”; “ser um homem às direitas”; “deitar à cara”; “dar um tiro nos miolos”; “ver-se na cova”; “deixar-se de música”; “sem eira nem beira”; “vir de mansinho”; “pregar uma partida”; “tomar fôlego”; “dar-lhe para baixo”; “é o vais”; “ir na ponta da unha”; “ter uma das suas”; “chamar à razão”; “mais onça menos arroba”; “é pegar ou largar”; “disse coisa e tal”; “coisas levadas da breca”; “não ter queda”; “tomar de ponta”; “de formas que”; “estar cozido por dentro”; “fazer de um homem gato-sapato”; “rir a perder”; “dar à

língua”; “puxar para o lado de lá”; “dar a palavra de honra”; “fiar-se em cantigas”; “eu seja negro”; “meter-se em encrencas”; “estar na mó de cima”; “ter a sua conta”; “não tocar nem com um dedo”; “coisa que o valha”; “ser uma obra e tanto”; “volta e não volta”; “ser uma mulher e tanto”; “a gente é que se amola”; “ser uma espiga grande”; “ter os olhos piscos”; “ali andar marosca”; “entender da poda”; “perder o conto”; “dar o arroz”; “tirar a vista de cima”; “fazer beijo”; “dar-lhe com as fidalguias”; “estar um frio de rachar”; “não ganhar para comer”; “os amigos são para as ocasiões”; “uma cabeça e tanto”; “ou coisa que o valha”; “trazer filada”; “de um golpe”; “ser o fim do mundo”; “pregar ao chão”; “é pegar ou largar”; “falar duro”; “ser o melhor azeite”; “puxar pela língua”; “ter força de cavalo”; “estar morto de trabalho”; “a sua horinha vindo”; “andar no encaço”; “fazer de fel e vinagre”; “a cantiga do costume”; “estar a picar”; “malhar com os ossos”; “malhar como em centeio verde”; “mandar tocar um cego”; “até à raiz dos cabelos”; “ser uma moira de trabalho”; “mais morta que viva”; “sem dar nas vistas”; “que Deus tenha em descanso”; “chamá-lo de nomes”; “mandar à outra banda”; “nem sei de quê”; “vir com falas mansas”; “não ser nada de outro mundo”; “levar a água ao rego”; “não estar na sua mão”; “não arrancar da sua”; “deixar correr”; “ser o fim do mundo”; “comer por lorpa”; “palavras leva-as o vento”; “ser uma mina”; “ter o Inverno à porta”; “ser bom de ver”; “doer na carne”; “na melhor fazenda cai a nódoa”; “perder da cabeça”; “estar com os pés para a cova”; “o seu mal é sono”; “beber um trago”; “ser de bom tom”; “ter um sono de pedra”; “ter um momento de seu”; “andar de trombas”; “sentir ganas de”; “tirar dali a pata”; “deitar à cara”; “matutar no caso”; “trabalhar como um galego”; “nem pinga”; “ser um homem de poucas falas”; “liquidar o assunto”; “medir os prós e os contras”; “não ter jeito”; “ser assunto arrumado”; “não vir com comédias”; “e a dar-lhe”; “dar o corpo ao manifesto”; “ter léria”; “não ter para mandar tocar um cego”; “estar em terreno movediço”; “ter ideias fidalgas”; “ele que sim e mais que também”; “uma coisa não tira a outra”; “estar daqui”; “ter mão em”; “ser uma mina”; “olhar de lado”; “andar aos dias”; “fazer de propósito”; “ter unhas”; “dar voltas ao miolo”; “estar de pés para a cova”; “bater sola”; “ter fome de lobo”; “ter vida de cão”; “apanhar alguém em falso”.

Não deixa de ser significativo que enquanto as expressões idiomáticas dominam polifonicamente todo o texto, os provérbios, que se limitam a meia dúzia nesta obra («Quem vai para o mar prepara-se em terra»; «Nem

por muito se madrugar amanhece mais cedo»; «Quem o avisa bem lhe quer»; «Burro velho já não toma andadura») pouco se fazem ouvir através das vozes das personagens. Talvez porque o provérbio, pelo seu carácter de generalização, não se ancore numa situação de enunciação particular com a mesma força da expressão idiomática. Esta, pelo contrário, uma vez que permite referir indivíduos únicos ou acontecimentos únicos, tem grande presença nesta obra como tem sido dado ver. Estes procedimentos linguísticos catalizam, conferem e favorecem grandemente o estrato emocional da linguagem que se localiza não só em um sujeito, mas entre sujeitos, em experiências intersubjectivas, integradas em processos relacionais e de acordo com o meio, o estatuto social, a idade, e até o sexo. No romance, as circunstâncias apropriam-se à contemporaneidade dos actos e ao sistema de crenças socializado para uma intencionalidade emocionalmente patémica. Sempre a patemização pertenceu à ordem da enunciação e realiza-se de forma privilegiada na performativização dos enunciados que modificam a percepção (ethos) e os afectos (pathos) do enunciatário. Nestes últimos decénios linguistas e, em particular os teóricos dos “actos de fala”, convenceram-nos do poder performativo do discurso, mesmo quando se trata de uma fala mediatizada pela escrita: «dire, c’est faire». A constituição de reportórios de formas potencialmente patémicas, a estruturação sólida de esquemas linguísticos estereotipados acompanham a patemização do discurso, resultando este de um jogo entre constrangimentos e liberdades enunciativas. Sendo que neste jogo, é «le jeu qui determine les joueurs, non l’inverse» (Emile Benveniste, 1947: p. 162).

Efectivamente, o processo de configuração simbolizante do mundo desta aldeia faz-se através de um sistema de signos e de enunciados que significam os factos e cenas de vida e os gestos dos seres que a povoam. Estes enunciados que circulam na comunidade social criam um vasto feixe de intertextos que se reagrupam e que se constituem ao mesmo tempo em “nós” sociais e em “eus” individuais. Uns (socialmente) e outros (psicologicamente) são portadores de um potencial emocional que se modula segundo a carga emotiva acordada aos acontecimentos e às questões tomadas como objectos do propósito do momento. Depois, só haverá que actualizar concomitantemente em discurso o emocional por meio de marcas expressivas, enunciativas e enuncivas susceptíveis de realizar uma intenção e um efeito patémico. A força emocional ilocutória torna-se ao mesmo tempo perlocutória e assim o que à partida relevaria somente da pulsão, do irracional e do incontrolável, torna-se também social. E é este carácter de socialidade o garante da coesão social, da vitalidade da consciência colectiva. Estando as emoções ligadas

a crenças e sendo estas constituídas por um saber polarizado em redor de valores socialmente partilhados, que outra forma teria o sujeito humano de representar o mundo que não fosse por meio das representações socio-discursivas? Como diz Carlos Fuentes (*El País*, «Una oportunidad» – 18 de Nov. de 2004), «La tierra existiría sin nosotros, porque es una realidad física. El mundo no, porque es creación verbal».

E nesta obra o recurso a «um vernáculo explorado nos seus recursos, desencardido, desentorpecido» (Óscar Lopes, 1972: p. 336) foi a melhor forma instada às personagens para enfrentarem o mundo adverso, abertamente conflitual e obsessivamente polarizado. A agressividade da linguagem como tática tem aqui uma função de identificação catártica. Invetivar ajuda a denunciar, a aliviar. Como diz o poeta Charles Simic (poeta nascido na antiga Jugoslávia e citado por Deborah Tannen, 1994: p. 19), «Hay momentos en la vida en que la invectiva se hace realmente necesaria e imprescindible, porque proviene de un profundo sentido de la justicia, para denunciar, burlarse, vituperar o arremeter contra algo en el lenguaje más fuerte posible».

### BIBLIOGRAFIA

- AUSTIN, J. L.  
1970, *Quand dire, c'est faire*, Paris, Seuil.
- BARTHES, Roland  
1970, *S/Z*, Paris, Seuil.
- BENVENISTE, Emile  
1947, «Le jeu comme structure» in *Deucalion – Cahiers de Philosophie*, 2, pp. 161-167.
- COSNIER, J., BRUNEL, M.-L.  
1997, «De l'interactionnel à l'intersubjectif» in A. Marciano (ed.), *Anali della conversazione e prospettive di ricerca in stnometodologia*, Urbino, quattro venti, pp. 151-163.
- DAMÁSIO, António  
1995, *L'erreur de Descartes*, Paris, O. Jacob.



- DIJK, Teun A. van (compilador)  
2000, *El discurso como interacción social*, Barcelona, Gedisa Editorial.
- GOFFMAN, Erving  
1987, *Façons de parler*, Paris, Minuit.
- GOFFMAN, Erving  
1994, *Les rites d'interaction*, Paris, Minuit.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine  
1980, *De la subjectivité dans le langage*, Paris, Armand Colin.
- KLEIBER, George  
1990, *La sémantique du prototype*, Paris, PUF.
- LOPES, Óscar  
1972, *Modo de ler, crítica e interpretação literária / 2*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto, Ed. Inova.
- MILNER, J.-C.  
1978, *De la syntaxe à l'interprétation. Quantités, insultes, exclamations*, Paris, Seuil.
- PICARD, Michel  
1986, *La lecture comme jeu*, Paris, Minuit.
- PLANTIN, Christian *et al.* (dir.)  
2000, *Les émotions dans les interactions*, Lyon, PUL.
- SEARLE, J. R.  
1982, *Sens et expression*, Paris, Minuit.
- TANNEN, Deborah  
1989, *Talking voices. Retention, dialogue, and imagery in conversational discourse*, Cambridge, CUP.
- TANNEN, Deborah  
1999, *La cultura de la polémica – Del enfrentamiento al diálogo*, Barcelona, Paidós.